

Goiânia, 31 de outubro de 2016

Prezados,

Primeiramente quero agradecer mais uma vez o convite. Foi um prazer muito grande ler e avaliar a dissertação de mestrado da Bruna Arbo Meneses. É muito bom ver um trabalho de tamanha relevância para a conservação da biodiversidade de um bioma tão importante e negligenciado, como é o Pampa, executado com alta qualidade teórica e técnica. Antes de continuar, para não gerar expectativa, digo que considero que a dissertação da Bruna atende todos os requisitos para a obtenção do título de mestre em Ecologia. Parabéns!

Tenho alguns poucos comentários gerais.

- Em relação a segunda premissa do índice global de pressão, que ele não tem relação com a distância em relação ao rio a que ele está localizado, isso é correto de afirmar? Pensando em ambientes aquáticos, para mim, a distância do impacto em relação ao riacho teria alguma importância. Essa premissa foi elaborada por questões de praticidade metodológica (o que não teria problema algum) ou por não ser possível incorporar isso no índice?
- Pelo que entendi, o mapa com classificação de uso do solo é de 2002, certo? Se é isso mesmo, 14 anos fazem muita diferença para alteração de uso do solo, principalmente em relação a alguns fenômenos mais recentes, como a expansão da soja no pampa. Não há nenhuma classificação mais recente? Até onde eu sei o LABGEO da UFRGS já tem mapas mais recentes, de 2009. Acho que vale a pena olhar isso.
- Em relação aos pesos atribuídos aos diferentes impactos antrópicos, no método é mencionado que “...*não é possível estabelecer uma hierarquia de importância bem definida entre esses indicadores*”. Acho que é possível sim, tanto que vários autores o fizeram. A questão é o quanto nós sabemos do impacto de cada atividade na biodiversidade. O que a literatura diz? E os especialistas de cada grupo taxonômico? Além disso, senti falta de uma justificativa em relação aos artigos selecionados para o estabelecimento dos pesos nos cenários 2 e 3. Eles são artigos importantes na área? Por que deveríamos seguir os pesos sugeridos por esses autores? Como eles selecionaram os seus pesos?
- Tenho uma pergunta principal para a Bruna: Em um cenário onde houvesse uma linha de financiamento para ações visando a conservação da ictiofauna do bioma Pampa, onde tu

pudesse dispor de 17% (pensando na meta de Aichi) do território do bioma pra isso, como tu selecionarias essas áreas? Selecionaria áreas menos vulneráveis, as LDC e MDC, onde a pressão é baixa e há mais áreas íntegras? Ou selecionaria áreas mais vulneráveis, onde a pressão antrópica é mais intensa e, provavelmente, há populações em declínio como consequência dessas ameaças? Eu pergunto isso porque essa é uma dualidade chave em planejamento sistemático, as estratégias proativas e reativas, e em geral não podemos investir nas duas frentes com o mesmo financiamento. A proatividade é selecionar áreas com pouco impacto/ameaça, e preservá-las antes que se tornem ameaçadas. Já a reatividade é atuar nas áreas onde o impacto é maior e imediato, buscando salvar as espécies e populações de locais muito ameaçados. Não há uma resposta certa, é mais uma reflexão interessante em trabalhos de cunho aplicado, como é essa dissertação.

Gostaria de sugerir que, além de um artigo científico, seja feito também um sumário executivo (ou algo similar) para ser entregue aos governos estadual e federal, como MMA e SEMA. Sei de algumas iniciativas de conservação focadas no bioma Pampa, dentro do MMA por exemplo, que se beneficiariam muito com a classificação de impacto apresentado na dissertação!


Espero ter sido breve e que meus comentários ajudem a Bruna a melhorar a dissertação. Agradeço mais uma vez o convite e estou a disposição de todos. Parabéns mais uma vez!

Abraços a todos,

Fernanda

— *Fernanda Alvim Braun* —

---

 Pesquisadora de Pós-doutorado  
Laboratório de Biogeografia da Conservação  
Departamento de ecologia  
Universidade Federal de Goiás